

Expondo o passado: as pesquisas arqueológicas do Museu Nacional durante o Brasil Império (1876 a 1889)

*Johnni Langer**

Resumo

O presente artigo analisa algumas das investigações de cultura material promovidas pelo Museu Nacional durante o império brasileiro e sua importância para o pensamento científico do século XIX. Influenciada pelas recentes teorias europeias, a Arqueologia efetuada pelo Museu Nacional também refletiu os ideais da elite imperial, assim como uma imagem de civilização e progresso.

Palavras-chave: Arqueologia e Museu, cultura material, história da ciência.

“O estudo do homem primitivo do antigo continente do qual ninguém cuidou até o começo do presente século, desenvolveu-se subitamente por último, e de tal forma, que mister se fez torná-lo extensivo às raças que senhoreassem a vasto continente americano quando o genio de Colombo logrou desvendar o acanhado mundo conhecido de seus coevos, os largos horizontes do imenso hemispherio do occidente” (NETTO, 1882.)

A segunda metade do Oitocentos foi caracterizada por uma série de revoluções científicas de extrema importância, especialmente as pesquisas sobre os ancestrais humanos e a pré-história receberam um grande impulso, como a publicação da obra fundamental de Charles Darwin, *A origem das espécies* (em 1859) até as descobertas dos fósseis humanos do vale de Neander na Alemanha, no ano de 1856.

Essas novas teorias e descobertas somente entraram no pensamento brasileiro durante a década de 1870, devido a recentes atualizações bibliográficas e à inserção das idéias raciais no contexto político do Estado (SCHWARCZ, 1997). As recentes idéias precisavam encontrar espaço em uma ciência tipicamente nacional, estabelecida nos dois maiores centros acadêmicos de então: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e o Museu Nacional. Um naturalista chamado Ladislau Netto,¹ uniu essas duas entidades nas questões envolvendo os estudos arqueológicos, em 1871 integrou a comissão de Arqueologia do IHGB, cargo que ocupou até o final do império. Ele seria a peça fundamental para o surgimento de uma arqueologia fundamentada em uma metodologia nacional de investigações de campo e gabinete.²

Desde os anos 1860, Ladislau Netto pretendia modernizar o museu imperial seguindo a tendência de todas as instituições congêneres no mundo.³ Estagnado por falta de verbas, funcionários adequados e, principalmente, sem uma política administrativa condizente com os grandes museus, como por exemplo, a união do caráter científico com o pedagógico. Isso foi possível, em parte, com a elaboração dos novos regulamentos de 1875-76, já tendo Netto

assumido como diretor: “O Museu Nacional é destinado ao estudo da História natural, particularmente a do Brasil, e ao ensino das ciências físicas e naturais, sobretudo em suas aplicações à agricultura, indústria e artes” (apud BITTENCOURT, 1997, p. 188). Neste mesmo contexto surgiram outros projetos do governo imperial visando esquadriñar as potencialidades físicas da nação: a Comissão Geológica, 1875; a Escola de Minas em Ouro Preto, 1875; a Carta do Império do Brasil (apresentada na Exposição Nacional de 1875), e a Repartição Hidrográfica, 1876. Não se trata de uma simples coincidência entre muitas datas. A administração pública pretendia viabilizar economicamente nossos valiosos recursos naturais, mas para isso, seriam necessárias incursões empíricas. Se somarmos ainda, neste mesmo tempo, a Exposição de Pré-História Argentina, 1875; a criação do Museo Arqueológico de la Sociedad Científica, 1875; e do Museo Arqueológico y Antropológico, 1878, todos em Buenos Aires, poderemos concordar com José Bittencourt (1997, p. 193), caracterizando os espaços museológicos sul-americanos como instituições periféricas e integradas por eruditos com formação europeia, visando investigar os espaços desconhecidos, organizá-los e torná-los compreensíveis de modo abrangente.

O Museu Nacional tornou-se o grande depositário de objetos retirados no território nacional, por meio de doações esporádicas ou por resultado de expedições sistemáticas. Essa mesma função havia pertencido ao IHGB nas primeiras décadas do segundo império.⁴ Todas as relíquias arqueológicas encontradas no Brasil deveriam ser enviadas a um novo destino – o Museu Nacional do Império -, mais apropriado para os homens de ciência. Um exemplo prático ocorreu com descobertas na província de Alagoas, que ficou conhecido como Jazigo de Taquara, foram encontrados ossos, crânios, urnas funerárias, machados, colares, enfim, tudo o que poderia trazer regozijo a um arqueólogo. Imediatamente, vários sócios do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano partiram em busca de melhores informações e, é claro, do resgate das importantes relíquias.

Após o envio de diversas peças e informações ao Museu Nacional, foi publicado um relatório minucioso na Revista do

Instituto Archeologico, em 1874. O autor do estudo, o secretário João Cabral, demonstrava estar bem atualizado com as terminologias de seu período, ao fornecer descrições detalhadas de cada objeto encontrado. Um procedimento muito distante das primeiras notícias veiculadas pelo IHGB na década de 1840, nas quais achados de objetos indígenas apenas mereciam uma ou duas linhas de notificação. Descrevendo um machado de ferro encontrado concluiu corretamente que tivera origem colonial, visto que os indígenas não conheciam a metalurgia. Mas o grande destaque de Cabral neste relatório foi em relação aos vestígios de ossos humanos encontrados, principalmente os crânios. O próprio Ministério da Agricultura (ao qual o Museu Nacional era vinculado nessa época), havia solicitado ao secretário mais escavações em busca de esqueletos, demonstrando o grande interesse em torno desse tipo de vestígio. Percebemos a popularização das recentes periodizações para a Pré-História, mesmo nas mais distantes províncias. Rapidamente as novas teorias científicas alargavam o horizonte das idéias, permitindo novas possibilidades científicas e outras formas de perceber a natureza e o homem.

Com a reorganização do museu em 1876, por Ladislau Netto, surgiu a sua revista, *Archivos do Museu Nacional*. Já na primeira página do periódico aparecem os nomes de alguns membros correspondentes: Darwin, Quatrefages, Gorceix, Reichenbach e Wirchow. Um reflexo da necessidade deste museu em sintonizar-se com a comunidade científica internacional, ao mesmo tempo em que obteria permutas bibliográficas, imprescindíveis aos estudos pretendidos. A maioria dos artigos publicados foi de pesquisadores nacionais, versando principalmente sobre ciências físicas e biológicas. Apesar de reduzidos, os estudos a respeito da cultura material indígena foram extremamente importantes, encontrando ampla repercussão tanto em nosso país, quanto nos maiores centros estrangeiros.⁵ Netto preocupava-se muito com o prestígio mundial que o periódico poderia alcançar, sempre colocando algum acadêmico de renome em suas páginas (LOPES, 1997, p. 184).

Logo no número de estréia do *Archivos*, importantes estudos monográficos foram impressos. O primeiro, *Descrição dos objectos*

de pedra de origem indígena, foi feito pelo naturalista Charles Frederic Hartt. Examinando machados, raladores, pontas de flecha, pilões, o pesquisador realizou um pormenorizado estudo da tipologia, forma e funcionalidade dos artefatos de pedra existentes no Museu Nacional. Apesar de não relacionar a nenhum contexto antropológico, ou ao menos a alguma hipótese acadêmica, o estudo surpreende pela grande atualidade. Dez anos antes, o então diretor do Museu Nacional, Leopoldo Burlamaqui, afirmou: “Toutes sauvages du Brésil, lors de la découverte, et ceux qui vivent encore loin des civilisés, ignoraient l’usage des armes et des utensiles de pierre, tout leurs armes sont en bois” (BURLAMAQUI, 1865). Caso tivesse examinado as coleções de sua própria instituição, Burlamaqui teria reformulado estas considerações.

Em seguida, outro importante artigo da *Archivos* teve como autores Rodrigues Peixoto e o médico João Batista de Lacerda⁶: *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil*. O artigo foi influenciado de um lado, pelas teorias craniológicas de Paul Broca e Blumenbach,⁷ e de outro pelos estudos pioneiros de Samuel Morton (EUA) e Moreno (Argentina). As investigações de Antropologia física para estes dois eruditos brasileiros deveriam sanar as lacunas que os estudos etnológicos não conseguiram responder. Cada osso fossilizado existente no acervo do museu foi classificado por série, recebendo elaboradas medições. Os crânios da primeira série, em número de seis, foram atribuídos aos Botocudos (provindos em sua maioria da caverna Babilônia em Minas Gerais), e também enquadrados no mesmo nível dos aborígenes australianos, considerados inferiores intelectualmente: “As suas aptidões são, com effeito, muito limitadas e difficil é fazel-os entrar no caminho da civilisação” (LACERDA & PEIXOTO, 1876, p. 72).⁸

O crânio da Lagoa Santa (doado por Peter Lund⁹ ao IHGB e transferido para o Museu Nacional nesta ocasião), foi comparado em forma com os da série anterior, dos Botocudos, porém, tinha capacidade cefálica muito superior, de 1388cc. Ora, como este fóssil era considerado muito mais antigo, a conclusão óbvia seria de que

“no decurso de muitos seculos a raça dos Botocudos não tem subido um só grao na escalla da intelectualidade” (LACERDA & PEIXOTO, 1876, p. 73). Outro crânio, encontrado na Ilha do Governador (RJ), pertenceria a um indivíduo Tamoio e apesar de aparentar certas semelhanças frontais com os anteriores, “já se tinha modificado um pouco o typo da raça primitiva” (LACERDA & PEIXOTO, 1876, p. 72).

Considerando-se que os Tamoio eram incluídos no tronco linguístico dos Tupi, verificamos a perpetuação da imagem indígena criada pela elite intelectual do Rio de Janeiro décadas antes. Os Botocudo seriam uma raça primitiva, inferior e selvagem; enquanto os índios Tupi formavam o grupo heróico da nação. Em outro momento do texto, verificamos a noção do embranquecimento como distanciador da vida primitiva. Um crânio descoberto em Macaé (RJ) foi considerado produto de um cruzamento adiantado, com uma grande superioridade intelectual em relação aos míseros Botocudo. Junto a este vestígio fóssil estava um fragmento de espada que permitiu datar (erroneamente) todo o sítio como sendo do período colonial. Portanto, este antigo cruzamento só poderia ter sido realizado com os europeus, originando a avantajada caixa encefálica do espécime examinado.

Métodos modernos, medições rigorosas e exames matemáticos precisos, conduzindo para as mesmas conclusões de décadas passadas: existiria um indígena exemplar, heróico por excelência, e outro como verdadeiro representante da animalidade. A Antropologia física confirmava esta divergência, uma oposição existente entre duas raças indígenas, na qual somente uma teria o privilégio do moderno cruzamento étnico. Mas, não somente a estrutura fóssil permitiria tais considerações. Também os objetos primitivos, diretamente relacionados com a cultura material, seguiram o mesmo caminho. Agora, de um médico tornado antropólogo, partiremos para o texto de um arqueólogo.

Estamos falando de Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional, no momento de seu maior prestígio. Desta vez, analisamos seu estudo Apontamentos sobre os tembetás,¹⁰ que surgiu no

segundo número do *Archivos* em 1877. Por intermédio desses adornos labiais, Netto realizou um extenso e muito ousado estudo, tentando encontrar toda a gênese da evolução dos índios brasileiros. Antes de descrever essas peças, o arqueólogo reconstituiu a trajetória de diversos ornamentos corporais, desde a aurora dos primeiros europeus até as tribos polinésicas. Pretendia descobrir porque o homem sentia necessidade de mutilar o próprio corpo. Sua hipótese, muito curiosa por sinal, seria de uma lei natural que imitaria a proeminente mandíbula primitiva “e de alguma sorte pithecoide dos primeiros representantes da humanidade.” (NETTO, 1877b, p. 117). Em outras palavras, modificando seu corpo com a evolução, o humano primitivo recordaria suas antigas feições por meio de adereços corporais!

Mas voltemos aos tembetás. Um ornamento utilizado praticamente por todos os povos indígenas americanos não poderia passar despercebido para Netto, ainda mais que o Museu Nacional possuía uma grande coleção. Resumindo suas principais idéias, os ornamentos de pedra seriam integrantes típicos das culturas primitivas, uma característica de todo indígena. Os maravilhosos exemplares do acervo carioca em suas idéias não poderiam ter sido realizados por qualquer povo. Não faltam adjetivos para descrever estes objetos: “joia peregrina de sua vaidade (...) gracioso (...) ricos adornos de pedra (...) bello e interessante artefacto.” (NETTO, 1877b, p. 123, 124, 130). Quem teria fabricado tão belas peças pétreas? Com toda certeza povos aparentados com os Tupi – Tupinambás, Tamoios ou Goitaquazes, artesões superiores, capazes de grandes proezas culturais. Para destacar ainda mais o grau de adiantamento a que chegaram os heróis de nosso passado, Netto utilizou um exemplo antagônico, descreveu como os Botocudo, os representantes modernos da barbárie, usando rodela de madeira junto ao lábio inferior, chamados de Kimua, um “grosseiro e imperfeitissimo arremedo” (NETTO, 1877b, p. 124) das peças de pedra. A imagem de tão desconfortável adereço junto à boca (ele incluiu um desenho disso), levou o arqueólogo a um escandalizado discurso. Como poderiam beijar esses selvagens? Se não tinham esse tipo de relação

afetuosa, o próprio ato sexual seria feito como o dos animais! Claro que o contato com a civilização faria com que essas imorais atitudes fossem eliminadas naturalmente. Um exemplo que citou foi de Botocudos aculturados da Bahia e Espírito Santo, onde os botoques estavam quase extintos. Em conclusão, observamos como uma análise de objetos materiais pode se prestar para “confirmar noções preconcebidas sobre a inferioridade dos não europeus” (MONTEIRO, 1996, p. 19).

Ladislau Netto, além de difusionista¹¹ convicto, era partidário do monogenismo.¹² Em comum com Lacerda, que foi poligenista,¹³ era a perpetuação das mesmas imagens sobre nossos indígenas, cuja trajetória evolutiva baseou-se em registros fósseis. Niveladora de opiniões, os ideais da elite imperial¹⁴ apartavam qualquer conflito mais acentuado sobre a origem do brasileiro, principalmente no Museu Nacional e no IHGB. Mas de qualquer modo, as divergências teóricas ainda assim surgiram nas futuras publicações da academia nacional.

A última década do Império não poderia ter iniciado de melhor forma, no que diz respeito à ciência dos fósseis humanos. No Norte brasileiro, o explorador Ferreira Pena enviou ao Museu Nacional vários ossos, encontrados preservados em uma gruta do rio Maracá. Imediatamente, o médico João Lacerda elaborou alguns comentários sobre esse material no quarto volume do *Archivos* em 1881. O modelo para comparar esses mesmos vestígios osteolíticos foram os Botocudos, na qual o investigador constatou certas diferenças estruturais. Com isso, os crânios de Maracá seriam de um outro tipo etnológico, mais recente e talvez de origem estrangeira. Lacerda ainda estipulou uma relação direta entre os fragmentos Botocudos com os da Lagoa Santa, mais antigos, que indicavam o Brasil como um país que teve habitantes originais autóctones. Em outros termos, o médico defendia o poligenismo, sendo contrário à idéia da migração asiática pelo Estreito de Bering, que supostamente povoou todas as Américas.

Saindo dos domínios acadêmicos, o tema dos Botocudo parecia interessar a toda sociedade. Preparava-se na capital uma grande

exposição de Antropologia, mas antes mesmo dela acontecer, ansiava-se pelos afamados indígenas. Em uma charge da então influente Revista Ilustrada, dirigida por Angelo Agostini, percebemos toda essa expectativa. Satirizando a morte de um colaborador do periódico, o desenhista colocou sua charge junto aos Botocudo, com a legenda: “Estes também fazem como elle, não cogitam em coisa alguma. O que o Martinho tem de menos no beijo, sobra-lhe na lingua.” (REVISTA ILLUSTRADA, 1882a, p. 5). Essa comparação com os adereços labiais, nos recorda a indignação de Ladislau Netto naquele artigo do Archivos. Com certeza era a característica que mais impressionava nesses indígenas.

A repercussão ocasionada pela Exposição Antropológica de 1882 no Museu Nacional iria se prolongar por muito tempo. Três anos depois, um volume especial do Archivos (volume VI) foi impresso especialmente para comemorar a antiga exibição, e os estudos envolvendo a origem de nossos indígenas. Todos os artigos trataram de temas arqueológicos. O primeiro, Novos estudos craniológicos sobre os Botocudos, de J. Rodrigues Peixoto, apesar do título, não apresentou nenhuma novidade conceitual. Mais uma vez, vemos o modelo antagônico revestido de experimentos craniológicos. Os Tupis seriam o grupo de maior importância, enquanto que os Botocudos, aparentados com os fósseis de Lagoa Santa e os sambaquis, foram considerados tipos mais grosseiros e inferiores. Como representantes mais atuais deste último grupo, Peixoto citou os “bugres” da província do Paraná (PEIXOTO, 1885, p. 206).

O mais longo e importante estudo deste volume foi Investigações sobre a archeologia brasileira, de Ladislau Netto, ocupando 300 páginas.¹⁵ Para termos uma idéia da dimensão que teve esse trabalho na sua época, basta percebermos que a próxima grande sistematização, muito inferior em qualidade, só foi publicada em 1934. Esse compêndio foi uma consequência do interesse de Netto pelo tema da arqueologia a partir dos anos 1860, quando divulgou suas primeiras descobertas aos jornais da capital. Com a proposta básica do IHGB desde sua fundação de recolher as relíquias

ocultas em solo nacional, inúmeros objetos vinham sendo enviados de todas as províncias com destino à capital. E, é claro, descobertas que também despertavam a atenção da imprensa. Devido às suas características físicas – muito mais duráveis que os ossos fósseis - os utensílios de pedra sempre foram os vestígios favoritos dos amadores, dos leigos e da população em geral. Como consequência, os armários do Museu Nacional estavam abarrotados de inúmeras peças líticas! No capítulo A idade paleolítica e neolítica no Brasil, Netto tentou criar um panorama classificatório para toda essa abundância de peças. Não era uma tarefa muito gratificante, porque faltavam nesta época informações mais profundas sobre cronologias, tipologias, padrões culturais, enfim, dados que só poderiam ser contextualizados com referenciais temporais – lacuna que somente no século XX foi preenchida com a descoberta de métodos físico-químicos de datação absoluta e relativa. Esta carência de dados, a exemplo de outras situações, levou o arqueólogo a procurar explicações em modelos difusionistas. Ao tentar explicar a forma de instrumentos de pedra encontrados no Rio Grande do Sul, Netto não exitou em compará-los com facas cerimoniais dos astecas, chegando mesmo a considerar um contato cultural entre os indígenas dos dois hemisférios. Um fato quase impossível, devido à enorme distância geográfica entre esses dois grupos e nunca comprovado empiricamente.

A maioria desses artefatos de pedra não era encontrada pelos pesquisadores nas então recentes tribos brasileiras. Com acabamentos bem definidos, os resquícios líticos levaram novamente o pesquisador a confirmar a tradicional imagem sobre os indígenas. Por exemplo, machados descobertos no Paraná deveriam ter sido confeccionados por “proto-guarany, provavelmente já em via de decrescimento moral na epocha da conquista européia” (NETTO, 1885, p. 504). Se essas peças não foram feitas por povos mais civilizados durante a Pré-História, como explicá-las nessas regiões? Na imaginação de Netto, outra possível resposta surgiu. Elas poderiam provir de roubos, por meio de “verdadeiros salteadores nomades” (NETTO, 1885, p. 510). Uma terceira explicação cultural do pesquisador, esta para adornos

líticos, descartou contatos migratórios e assaltos arcaicos. Os brasileiros primitivos utilizariam ornamentos de pedra por motivos animistas: aplacariam a fúria da natureza, transfigurando em suas formas o “pavor que imprimiam taes phenomenos no espirito timorato dos primeiros habitantes” (NETTO, 1885, p. 531). Aqui evidentemente Netto atribuiu a essas peças arqueológicas um grande significado simbólico, cuja utilidade como objeto cotidiano seriam praticamente nulas. A funcionalidade e demais padrões tipológicos, tão destacados pela Arqueologia moderna, foram substituídos pelo caráter celebratório das peças, convertidas pela ciência em antigos objetos de disputa tribal.

De maneira genérica, a sistematização de Netto conseguiu reunir uma boa bibliografia disponível até aquele momento, mas suas conclusões foram parcialmente afetadas pela precariedade de um estudo mais especializado prevalecendo, com isso, imagens que forneciam uma explicação conveniente para as metas civilizatórias da elite erudita do império. Mesmo com essas limitações, esse volume do *Archivos* delimitou o maior triunfo alcançado pela Arqueologia brasileira durante todo o século XIX. Esse êxito pode ser medido pela grande repercussão nos meios culturais do Brasil e em outros países. O melhor exemplo desse sucesso foi com Armand de Quatrefages, a grande autoridade na Antropologia francesa oitocentista, que realizou uma resenha crítica de todos os artigos do volume VI do *Archivos*, poucos meses após este ser publicado (QUATREFAGES, 1885, p. 467-470). Aos olhos do famoso cientista, o Brasil trilhava o caminho certo da americanística: estudava ossos fósseis, tipos indígenas, vestígios humanos na floresta tropical e principalmente, estabelecia modelos comparativos, enfim, tudo o que um moderno centro de pesquisa poderia realizar. Até mesmo nosso imperador não foi esquecido: “L’Académie apprendra, sans en être surprise, que l’empereur Dom Pedro s’interesse à ces études archéologiques, comme à tout ce qui peut éveiller autor de lui l’esprit de recherches et de progrès” (QUATREFAGES, 1885, p. 470). O monarca brasileiro foi um grande apaixonado pelas antigüidades.¹⁶

Também durante os anos 1880 Ladislau Netto tornou-se muito conhecido pelos especialistas mundiais, a ponto de ser convidado pelo arqueólogo Virchow a filiar-se à Sociedade Científica de Viena, em 1885. Em 1882 foi convidado a realizar uma palestra na Sociedade Científica Argentina a respeito da teoria da evolução. Outra conferência foi realizada no importante Congresso Internacional dos Americanistas, sediado em Berlim, em 1888, tratando da pré-história brasileira. A divulgação de nosso passado na Europa foi tão intensa neste momento que originou o surgimento de falsificações líticas, a exemplo de machados descobertos na Itália (PROUS, 1992, p. 9).

Os anos de ouro do Museu Nacional foram também o período de auge da Arqueologia oitocentista em nosso país. Ao contrário da bibliografia atual que considera esse período como o que simplesmente antecedeu as escavações modernas - uma época de pioneiros sem preparo adequado -, nós o identificamos como o momento de fortalecimento do processo de institucionalização dessa ciência no Brasil, seguindo a mesma reflexão de Maria Margareth Lopes: “a negação da visão de que não houve produção científica no país até o início deste século, ou de que as atividades existentes eram ‘pré-científicas’” (LOPES, 1997, p. 21). Estas considerações somente encontram validade para o período de 1838 a 1860, tendo as últimas décadas do império abrigado o estabelecimento de grandes escavações, algumas com resultados excepcionais, outras nem tanto.

Com o fim da monarquia, a Arqueologia nacional teve uma súbita decadência. As tradicionais pesquisas publicadas no *Archivos*, *Revista do IHGB* e em outros periódicos desapareceram. A quantidade e qualidade das escavações cessou até metade do Novecentos. Praticamente levou mais de meio século para que as pesquisas atingissem a mesma dimensão e importância que tiveram durante a monarquia, pelo menos em prestígio internacional e reconhecimento institucional.

Notas

* Doutor em História pela UFPR. Professor da Universidade do Contestado, SC.

¹ Ladislau de Souza de Melo e Netto – Arqueólogo, museólogo e naturalista (Maceió – 1838, Rio de Janeiro – 1894). Estudou matemática na Imperial Academia de Belas Artes (RJ) em 1857. Foi cartógrafo da expedição hidrográfica do São Francisco em 1859. Obteve do imperador D. Pedro II uma bolsa de estudos na França, onde adquiriu o título de doutor em ciências naturais pela Sorbonne. Em 1874 foi nomeado diretor do Museu Nacional, iniciando a publicação de seus anais e projetando internacionalmente essa instituição. Publicou diversos estudos nos mais variados campos do conhecimento (BLAKE, 1883, p. 282; DUARTE, 1950).

² O mais extenso trabalho publicado sobre história da arqueologia brasileira, de Alfredo Mendonça de Souza (1991), além de descritivo, parte do pressuposto cientificista da superioridade moderna do método arqueológico, sem levar em conta as especificidades sócio-políticas da Arqueologia durante o Oitocentos. Funari (1994), Prous (1992), Barreto (1999-2000), Ferreira (2003) forneceram alguns elementos analíticos para o estudo da arqueologia no Império. A maior quantidade de estudos publicados sobre a história da ciência arqueológica brasileira durante o século XIX é a de Langer 1997, 1998, 2001a, 2001b, 2001c, 2002a, 2002b, 2003a, 2003b.

³ E também nesta década surgiu seu interesse pioneiro pela arqueologia brasileira, publicando os estudos: “Considerações sobre os vasos usados pelos indígenas do Brazil” (Diário Oficial, 13 de junho 1867) e “Descrição da caverna do Furado, na província de Alagoas” (Diário de Alagoas, 1865). Conf. BLAKE, 1883, p. 281-282.

⁴ Sobre o tema das investigações arqueológicas no Brasil efetuadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ver: Langer, 1997, p. 81-107; 1998, p. 165-178; 2000, 2001b, 2001c, 2002a, 2002b, 2003a, 2003b, p. 75-102; Langer & Santos, 2002, p. 38-57.

⁵ Nesse momento, discordamos de dois estudos feitos sobre esse aspecto: Schwarcz (1997, p. 72) e Bittencourt (1997, p. 194), consideram que os artigos de arqueologia publicados no *Archivos* não tiveram nenhuma relevância, foram pouco significativos e não contribuíram para o avanço da disciplina no país. Demonstraremos a grande repercussão dos mesmos na comunidade internacional, bem como a grande sistematização que proporcionaram. Bittencourt baseou-se em André Prous, mas este mesmo arqueólogo afirmou que os estudos no período monárquico, efetuados pelo Museu Nacional, foram promissores e com grande nível (PROUS, 1992, p. 9, grifo nosso). Quanto às considerações de Schwarcz, o pequeno número de artigos sobre o tema não implica necessariamente em falta de repercussão ou prestígio. Uma prova da repercussão foi o primeiro artigo de Lacerda publicado no *Archivos*, citado pelos consagrados arqueólogos europeus Quatrefages (1877, p. 218), Nadaillac (1882, p. 23) e Kate (1885, p. 241).

⁶ João Batista Lacerda – Médico brasileiro (Campos RJ 1846 – Rio de Janeiro RJ 1915). Pioneiro da ciência experimental no Brasil, fez trabalhos de antropologia, estudou o curare e os venenos ofídicos; dirigiu o Museu Nacional do RJ e dedicou-se a diversos problemas de fisiologia e microbiologia; foi um dos primeiros ofidiologistas brasileiros, sendo de sua autoria a descrição da jararacuçu. Conf. GRANDE ENCICLOPÉDIA, 1998, p. 3462.

⁷ Para termos uma idéia da dimensão dos estudos craniológicos neste momento, basta verificarmos os trabalhos apresentados no Congresso de Americanistas de 1875. Ao lado das tradicionais teorias disufionistas (Les phéniciens en Amérique, Gaffarel; L’Atlantide, Chil & Naranjo, entre outros), encontramos o estudo *Crânes Colombiens*, de Paul Broca. Conf. CONGRÈS INTERNATIONAL, 1875.

⁸ Nas citações de fontes primárias foi conservado o português original, sem adaptações modernas.

⁹ Peter Wilhelm Lund – Naturalista dinamarquês (Copenhaga – 1801, Lagoa Santa, MG – 1880), considerado o pai da paleontologia brasileira. Diplomado em Letras em 1818 e em Medicina, foi um estudioso de zoologia e botânica. Por motivo de saúde transferiu-

se para o Brasil em dezembro de 1825. Fixou residência em Nova Friburgo (RJ), onde recolheu material para as coleções do Museu de História Natural da Dinamarca. Estudou as grutas de uma cadeia de montanhas formada por rochas calcáreas que se destacam da serra do Espinhaço, perto da capital de Minas Gerais. Remeteru para Copenhage o material recolhido. Em Lagoa Santa (MG) aprofundou e desenvolveu seus trabalhos definitivos. Conf. GRANDE ENCICLOPÉDIA, 1998, p. 3684.

¹⁰ Tembetás- (Tembê, lábio e itá, pedra). Ornamento labial de pedra polida, cilíndrico, bicônico ou triangular de lados levemente convexos. As rochas preferidas são o cristal de rocha, o quartzo leitoso e o basalto. São ornamentos labiais análogos aos que os índios usavam na época da descoberta e que alguns usam até hoje. Conhecem-se tembetás de pedra polida verde, de formas arredondadas. Conf. SOUZA, 1997, p. 122.

¹¹ Difusionismo- Teoria arqueológica muito comum em finais do século XVIII e por todo o XIX, que creditava a origem dos sítios e demais produtos da cultura material ameríndia à civilizações do Velho Mundo, ou ainda, para culturas imaginárias, como a Atlântida. Esses contatos culturais teriam sido por meio de antigas navegações pré-colombianas. O difusionismo foi herdeiro de velhas imagens da americanística, presentes desde a descoberta do continente americano, mas agora incorporadas com a nova linguagem da ciência arqueológica oitocentista. Não confundir com a escola de Antropologia surgida na Inglaterra no início do século XX, segundo o qual a cultura se difunde a partir de um pequeno número de regiões pelo mundo. A teoria do difusionismo arqueológico “rejects the idea of independent invention of cultural advances in favor of claiming diffusiom from older existing cultures” (FROST, 1993, p. 46).

¹² Monogenismo – Antiga teoria antropológica e arqueológica segundo o qual um único grupo ou mesmo um único casal originou as diversas espécies humanas que habitam o planeta. (LANGER, 2000, p. 121).

¹³ Poligenismo – Teoria antropológica e arqueológica segundo a qual várias espécies humanas teriam aparecido simultaneamente na face da terra, originando os atuais grupos étnicos. (LANGER, 2000, p. 120).

¹⁴ Os principais ideais mantidos pela elite intelectual do Império, desde a criação do IHGB em 1838 até o auge das pesquisas do Museu Nacional nos anos 1880 foram: o binômio a respeito dos ameríndios, o selvagem brutal (Botocudo) e o indígena nobre (Tupi); a crença em um passado civilizado ou vestígios de civilizações perdidas no Brasil anterior a Cabral; noção de analogia entre os resquícios arqueológicos do Mediterrâneo e os vestígios materiais da pré-história brasileira; referencial eurocêntrico e etnocêntrico nas investigações sobre as culturas indígenas do país. (Conf. LANGER 2001b, p. 49-51; 2002b, p. 101-103; LANGER & SANTOS, 2002, p. 55-57).

¹⁵ No Brasil, foram publicadas até agora somente cinco sistematizações sobre a pré-história nacional: o artigo de Ladislau Netto, no Arquivos de 1885; Archeologia comparativa do Brazil, de Herman von Inhering, de 1904; Introdução à arqueologia brasileira, de Angyone Costa, publicado em 1934; Introdução ao estudo da arqueologia brasileira, José Anthero Pereira Jr., impresso em 1968; Arqueologia Brasileira, de André Prous, de 1992. Levando em conta a abrangência do estudo, a bibliografia crítica e a qualidade conceitual, somente os trabalhos de Netto e Prous obtiveram resultados satisfatórios.

¹⁶ Em 1871, ao visitar o Egito, d. Pedro II foi fotografado ao lado da Esfinge e da pirâmide de Quéops, além de demonstrar um profundo conhecimento em hieróglifos, monumentos e cronologias egípcias. Em meio às ruínas de Micenas, conheceu o mais famoso arqueólogo deste tempo, o alemão Heinrich Schliemann em 1876. No Brasil, o monarca chegou a acompanhar escavações e recuperações de restos mortuários, além de adquirir coleções do sítio arqueológico Gorges d’Enfer para o Museu Nacional (Prous, 1992, p. 7). Mas é claro, esse interesse pessoal caminhou ao lado da grande tendência em solidificar a imagem civilizatória do Brasil.

Referências Bibliográficas

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve História da Arqueologia no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, (44), 1999-2000.

BITTENCOURT, J. - **Território largo e profundo**: os acervos dos museus do Rio de Janeiro como representação do estado imperial (1808-1889). Tese (Doutorado em História). Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1997.

BLAKE, A. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902.

BURLAMAQUI, L. **Lettre a monsieur La Hure**, Rio de Janeiro. In: LA HURE, Conde de. **Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil**. Dona Francisca (SC), 10 de fevereiro de 1865. IHGB, lata 15, doc. 9, 1865 (manuscrito).

CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMÉRICANISTES - Comptes-Rendu de la première session. Nancy: G. Crépin-Leblond, 1875.

DUARTE, A. Ladislau Netto. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

ELIAS, M. Revendo o nascimento dos museus no Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 1992 (2).

FERREIRA, L. Vestígios da raça americana: arqueologia, etnografia e romantismo no Brasil Imperial (1838-1867). **Habitus**,1, 2003 (1).

FROST, F. Voyagers of the Imagination. **Archaeology**, 46(2), 1993, p. 44-51.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE - São Paulo: Nova Cultural, 1998.

KATE, M. **Bulletins de la Société D'Anthropologie de Paris**, 8(3), 1885, p.240-244.

LACERDA, J. & PEIXOTO. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 1, 1876.

LANGER, J. A Esfinge atlante do Paraná: o imaginário de um mito arqueológico. **História: Questões e Debates**, UFPR, Curitiba, 1996, 13(25).

_____. Romantismo e cidades perdidas oitocentistas. In: _____ **As cidades imaginárias do Brasil**. Curitiba: Secretaria de Cultura do Paraná, 1997.

_____. Enigmas arqueológicos e civilizações no Brasil novecentista. **Anos 90**, revista do programa de pós-graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1998 (9).

_____. **Ruínas e mito: a arqueologia no Brasil Império**. Tese (Doutorado), programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000, 250p.

_____. Os enigmas de um continente: as origens da arqueologia americana, 1750-1850. **Estudos Ibero-Americanos**, PUC-RGS, Porto Alegre, 27(1), 2001a.

_____. Os sambaquis e o império: escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, MAE/USP, São Paulo, (11), 2001b.

_____. Peter Lund e as polêmicas arqueológicas no Brasil Império. **História & Perspectivas**, UFU, Belo Horizonte, 2001c, (24).

_____. Vestígios na Hiléia: a arqueologia amazônica durante o segundo império. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 18(1), 2002a.

_____. Signos petrificados e Civilização: a inscrição fenícia da Paraíba e outras questões arqueológicas no Brasil Império. **Pós-História: Revista de Pós-graduação em História**, UNESP, Assis, (10), 2002b.

_____. A cidade perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império. **Revista Brasileira de História**, ANPUH, São Paulo, 22(43), 2003a .

_____. Ciência e imaginação: a pedra da Gávea e a arqueologia no Brasil Império. **Habitus**: Instituto goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia,1(1), 2003b.

_____. & SANTOS, S. Império selvagem: a arqueologia e as fronteiras simbólicas da Nação (1850-1860). **Dimensões**: revista de História da UFES, Niterói, (14).

LOPES, M. Viajando pelo mundo dos museus: diferentes olhares no processo de institucionalização das ciências naturais nos museus brasileiros. **Imaginário**, São Paulo, (3), 1996, p.59-79.

_____. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997 .

MONTEIRO, J. As “raças” indígenas no pensamento brasileiro do império. In: MAIO, Marcos & VENTURA, Ricardo (orgs.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

NADAILLAC, M. **L'Amérique préhistorique**. Paris: G. Masson, 1882.

NETTO, L. **Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional**. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

_____. Apontamentos sobre os Tembetás (adornos labiaes de pedra) da coleção archeologica do Museu Nacional. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 2, 1877 .

_____. Ao leitor. In: **Revista da Exposição Anthropológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia, 1882a.

_____. Discurso inaugural da exposição antropológica. **Revista da Exposição Anthropológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia, 1882b.

_____. Observações relativas à theoria da evolução. **Revista da Exposição Anthropológica Brasileira**. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia, 1882c.

_____. **Aperçu sur la théorie de l' évolution**. Rio de Janeiro: Messenger du Brésil, 1883.

_____. Investigações sobre a archeologia brasileira. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro,6, 1885 .

_____. **Le muséum national de Rio de Janeiro et son influence sur les sciences naturelles au Brésil**. Paris: Librairie C.H. Delagrave, 1889.

PEIXOTO, J. Novos estudos craniológicos sobre os Botocudos. **Archivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, 6, 1885.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UNB, 1992.

QUATREFAGES. Recherches sur les populations actuelles et préhistoriques du Brésil. In: **Compte rendus de l'academie des sciences**. Paris, 101, 1885.

REVISTA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro, ano 7, (306), 1882a.

REVISTA ILLUSTRADA . Chronicas fluminenses. Rio de Janeiro, ano 7, (310), 1882b.

REVISTA ILLUSTRADA. Chronicas fluminenses. Rio de Janeiro, ano 7, (311), 1882c.

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SOUZA, A. História da Arqueologia brasileira. **Pesquisas** - Instituto Anchieta de Pesquisas, (46), São Leopoldo, 1991 .

SOUZA, A. **Dicionário de Arqueologia**. Rio de Janeiro: Adesa, 1997.

Abstract

The presente article analyzes some of the inquiries of material culture promoted by the Museu Nacional during the Brazilian Empire and its importance for the scientific throught of XIX century. Influenced by the recent european theories, the Archaeology effected by the Museu Nacional also reflected the ideals of the imperial elite, as well as an image of civilization and progress.

Keywords: Archaeology and Museum, material culture, history of science.